



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Wilton Azevedo, o signo expandido

Cristiano de Sales^a

^a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil - cristiano0903@gmail.com

Wilton Azevedo foi um amigo. Desenhista, músico, programador de objetos de arte e apetrechos digitais. Pesquisador e professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. O conheci em 2005, quando ajudei a organizar um evento em Florianópolis. Nessa ocasião, ainda mestrando, inseguro, arrisquei contar ao homem que eu já conhecia de projetos artísticos e entrevistas na internet como eu vinha lendo um livro de Roland Barthes¹. Com voz rouca e segura, Wilton sentenciou: precisamos escrever sobre isso juntos.

À época, eu ainda não sabia que Wilton era assim, convidava muita gente para desdobrar intuições junto com ele. Muitos desses *insights* não se concretizavam. Outros talvez ainda estejam em movimento na tese de algum ex-orientando, ou em exposições e feiras de artes digitais. Sei, inclusive, que já homenagearam lindamente, na Espanha, um projeto artístico musical seu e de Sérgio Basbaum, o *Pantahei*.

Sabemos a importância não apenas das homenagens, mas sobretudo da movimentação das ideias e obras quando se trata de uma herança artística. E movimentar uma ideia implica, também, em criticá-la, claro.

¹ *O grau zero da escrita*, publicado, primeiramente, em 1953.



Contudo, como aprendemos com o professor Antonio Candido², criticar é também imaginar, criar, elaborar. Por isso revisitarei aqui, brevemente, um período de minha vida em São Paulo (hoje moro em Curitiba) que permitirá falar, sem prolongamentos, do intelectual e artista Wilton Azevedo – bem como do amigo Will.

Na ocasião de meu pós-doutoramento, Wilton topou não apenas fazer a interlocução na pesquisa que eu havia projetado com Alckmar Santos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ele também me acolheu na cidade de São Paulo, depois que Rita, sua companheira, ajudou a articular meu primeiro emprego como professor universitário (aliás, sempre bom frisar, o acolhimento na cidade foi do casal. Eles me receberam como se eu fosse da família). A empreitada acadêmica giraria em torno de um conceito que Wilton vinha tentando lapidar, a escritura expandida.

Francamente, não sei se compreendi até hoje como esse conceito ganhava corpo no pensamento do Wilton. Mas sei que trabalhamos nisso por algum tempo. E depois, outros pesquisadores também se debruçaram nessa aventura. O caso de que tenho melhor memória é o do Ângelo Dimitri Gomes Guedes, que fez doutorado sob orientação do Wilton. Aliás, é preciso ser dito, Ângelo avançou muito mais do que eu na lapidação desse conceito pretensamente azevediano.

O que aprendi de fato nessa nossa tentativa, minha e do Wilton, de teorizar o entrelaçamento das linguagens de superfície, que se oferecem à fruição de um leitor na tela do computador, com as linguagens de programação, que articulam a experiência do leitor sem necessariamente estar acessível a ele – mas sendo determinante da experiência –, foi que, para além da tentativa teórica, o que despertava maior desejo era a percepção de que havia ali pessoas significando-se no mundo o tempo todo. E éramos nós.

Ele queria me fazer entender como, através da articulação na linguagem por trás da tela (a linguagem de programação), o som, o verbo e a imagem complexificam-se a ponto de não mais podermos recuperar hierarquias entre as linguagens. E que o efeito disso na tela do computador, ou seja, na fruição, acabaria sendo tributária da mesma complexidade. Dito de maneira mais clara, verbo, som e imagem, quando experimentados a partir de articulações de softwares num computador, implicariam o sujeito que vive a experiência estética em uma

² *Formação da Literatura Brasileira*, obra incontornável publicada, primeiramente, em 1959.

ambiência onde palavras, sons e imagens constituiriam uma mesma carne, um mesmo signo. Mais que isso, parecia muito claro na mente do Wilton que carne, signo e ambiência eram a mesma coisa.

A contribuição do argumento, em meio às pesquisas de literatura digital na época, talvez se deveu à concepção de que a literatura pudesse ser vivida sem primazia (porém também sem o descarte) da palavra; como se a convivência das diferentes linguagens, e não a concorrência entre elas, pudesse nos revelar algo de novo acerca da própria literatura, mesmo à que ainda se escrevia em papel e com primazia das palavras.

Tentamos escrever sobre esse conceito. Conseguimos inclusive uma publicação importante na Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada ao ensaiarmos essas discussões nossas a partir de uma obra literária digital dele em parceria com Alckmar Santos, a saber, *Volta ao Fim*³. Alguns pares devem ter achado interessante a pesquisa, ou pelo menos se deixaram enganar pela retórica do artigo que selava meu pós-doutorado e a parceria que firmávamos – junto a um grupo bom de mestrandos, doutorandos e professores – entre os núcleos de pesquisas da UFSC e da U. P. Mackenzie.

Mas o fato é que, para o artista Wilton Azevedo, a aceitação acadêmica do conceito parecia ser algo menos importante, pois ele sabia que, independente da fragmentação acadêmica imposta às teses ou às boas ideias, nós, seres de significação, produzimos sentido no mundo para nós mesmos de maneira a expandirmo-nos e fazermo-nos vias de acesso à expansão do outro. Ou ainda mais, tratava-se antes de reconhecermo-nos como vias de afeto, mais até mesmo do que de acesso.

Dito de maneira mais clara, o conceito da escritura expandida não parecia ser uma tentativa apenas de teorizar sobre as poéticas em meio digital, parecia antes se tratar de uma forma de entender e se inscrever no mundo; como quem se mistura à carne do mundo fazendo-se signo junto com ele.

Sobre a arte de Wilton Azevedo, sempre tive bastante dificuldade em entender as criações poéticas digitais (sobretudo as que ele fazia sozinho). Mas as apreciava, quase todas, por coisas que havia nelas que não compunham uma peça por princípio organizada, inserida numa

³ AZEVEDO, Winton. SANTOS, Alckmar. *Volta ao fim*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gUHLuxDukqA> (acessado em 12/05/2018)

dialética moderna, ou que se explica numa resenha ou ensaio crítico. E isso nunca foi de fato um problema, afinal, é bom nunca esquecermos a lição que Drummond nos deixou no poema Conclusão, “poesia: coxa, fúria, cabala”; ou seja, nem tudo é para ser entendido. Eu gostava do que elas, as obras do Will, provocavam de hesitação, de possibilidades, de inauguração, paixão, fluxo. *Quando assim termina o nunca*⁴ é o anúncio do que não cessa; do que não sabemos o que vai ser, mas sabemos que não vai parar de ser.

Como artista, Wilton parecia gozar de alguma sinestesia⁵. Compunha trilhas sonoras como quem programava auroras boreais. Mapeava imagens como quem percebia ruídos. Articulava palavras de maneira alquímica, como se delas subisse uma fumaça, rara, que na manhã seguinte atribuiria alguma poesia ao que tínhamos de mais cotidiano para viver.

Parecia ser nesse lugar, da vivência artística, em meio a charutos, vinhos e amigos que Wilton lapidava melhor seu pensamento. Quando os ares mudavam para o ambiente mais pragmático da academia, o pesquisador e professor se mostrava um pouco atrapalhado; sem jeito com a burocracia, com a dicção excessivamente acadêmica que muitas vezes demanda da gente formatação em demasia das ideias.

Transitar com ele nesses dois terrenos, o da arte (muito mais como amigo do que como parceiro de criações) e o da teoria, permitiu-me dar conta, ou, o que é ainda mais intenso, permitiu-me viver o signo em expansão. E essa vivência revelou que, embora tenhamos tentado lapidar o conceito de escritura expandida a partir de Derrida, Barthes, Merleau-Ponty, entre outros, ela, a escritura, revelava-se na mesa da padaria, entre cafés cariocas e águas com limão e gelo; na pizza, que geralmente acontecia em sua casa, na companhia de amigos e da guerreira incansável e sempre bonita Rita, com muito vinho; ou no café da universidade; na cerveja bebida na calçada, onde se podia fumar sem pressa.

Foi nesse fluxo que termina o nunca que compreendi: a teoria não passa de pretexto. E é quando se percebe isso – que a teoria, o conceito, o pós-doutorado, a Capes *etc.*, só fazem sentido se o signo se expande e alguma poesia persiste – que passamos a falar verdadeiramente sobre um legado em arte.

⁴ AZEVEDO, Wilton. *Quando assim termina o nunca*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004. 1 DVD.

⁵ E reconheço aqui o paradoxo da frase. Como gozar de algo que se manifesta como uma patologia? Mas, tratando-se de arte, sabemos bem a potência que isso tem.

O que o Will deixou como rastro no signo que somos é talvez uma diferente percepção do tempo. Conversar com ele sobre trabalho, vida ou qualquer coisa nunca coube em quinze minutos. Para mim, ele nunca soube o que são quinze minutos. Conversas longas, silêncios meditativos, retórica, voltas, exemplos, alegorias, metáforas, poesias...

Essa desaceleração que Will nos impunha (e olha que ele andava naquele carrinho muito mais rápido do que nós), nos instaurava um desconforto conosco mesmo, seres acelerados. Era como se o tempo dele desvirtuasse o tempo que acreditávamos ter de ser acelerado.

Acreditávamos estar em movimento. Estávamos. Mas o movimento dele nos gerava um descompasso. E descompassar significa errar. Exatamente o que dá à vida um pouco mais de sentido. Não apenas a arte se vale do benefício do erro. Nem tão somente a vida com seus mistérios. As intuições, teses, conceitos, ou o que mais quisermos intelectualizar também demandam, muitas vezes, que se perca o compasso, o relógio, a régua, o tempo.

Talvez o amigo Will tenha desestruturado em nós o tempo. Mas como tudo que desestrutura em nós (substantivo plural, não pronome) também comunica, conecta, junta, mistura... o que o signo expandido desse intelectual e ser humano talvez tenha esgarçado em nós (pronome) é justamente a medida da ressignificação que tentávamos.

Hoje, essa outra vivência do tempo que parece ter impregnado a todos que convivemos com ele, ao menos em amizade e trabalho, está no núcleo de minha nova pesquisa na universidade (a desaceleração do tempo a partir de Bill Viola). Esse transbordamento nas vontades dos estudos de coisas que nos interessam antes na significação de nós mesmos eu aprendi com o Wilton. E isso é muito. Chego a achar, às vezes, que essa história de escritura expandida não passou de um hiato, esse raro tempo-espaco sem o qual os signos não se ressignificam; sem o qual a poesia não se realiza.

Merleau-Ponty chamaria isso, quem sabe, de reversibilidade, ou invisível. Elucubraria com Cézanne, Rodin ou Giacometti. Derrida chamaria (por que não?) de diferença. Roland Barthes, nosso primeiro devaneio, talvez diria: é o texto e o prazer em tecê-lo. Mas Wilton Luiz Azevedo, nosso bem-humorado amigo Will, diria simplesmente... “Cris, traz cerveja”.